

Reinserção comunitária de jovens

Community reintegration of youth

**Deyseane Maria Araújo Lima,
Zulmira Aurea Cruz Bomfim**

Resumo

A investigação consistiu no estudo da reinserção comunitária de alunos do ProJovem Urbano a partir do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas, com base na Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental. O estudo contextualizou o ProJovem Urbano da Escola Papa João XXIII, com a amostra de 20 alunos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa qualitativa e o método dialógico vivencial. Na análise dos dados abordamos: 1) ProJovem Urbano: percepção dos participantes; 2) Metodologias Participativas: problematização da realidade dos jovens. A relação entre as metodologias promoveu o conhecimento das especificidades, distinções e possibilidades de atuação do psicólogo, que foi possível compreender a proposta do Programa a partir dos jovens. Estas são fundamentais para a problematização da comunidade, gerando o aprofundamento da consciência dos participantes e o compromisso social do psicólogo. Concluímos ressaltando a vinculação dos jovens com a sua comunidade pela promoção de atividades que permitam a reinserção comunitária.

Palavras-chave

Reinserção; Metodologias Participativas; Comunidade.

Abstract

The investigation was to study the community reintegration of the Community of students from the "ProJovemUrbano" psychosocial participatory mapping and urban trails, with theoretical basis of community psychology and environmental psychology. The study contextualized "ProJovemUrbano" in "Escola Papa João XXIII", with the sample of 20 students. Methodologies used were qualitative research method and dialogic experiential. In the data analysis approach: 1) "ProJovem Urbano": perception of the participants, 2) Participatory Methodologies: questioning the reality of young people. The relationship between the methodologies promoted the awareness of specific, distinctions and psychologist possibilities, it was possible to understand the proposal of the program from the young. These are fundamental for community questioning, generating deepening awareness of the participants and the social commitment of the psychologist. We conclude emphasizing the linkage of young people with their community by promoting activities that allow the community reinsertion.

Keywords

Reinsertion; Participatory Methodologies; Community.

Deyseane Maria Araújo Lima

UFC

Psicóloga. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Integrante do Núcleo Cearense de Pesquisa e Estudo sobre a Criança (NUCEPEC).

deyseanelima@yahoo.com.br

Zulmira Aurea Cruz Bomfim

UFC

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Laboratório de Psicologia Ambiental (LOCUS).

zulaurea@uol.com.br

Introdução

A psicologia social tem como visão de homem um ser histórico social e agente de mudanças, que visa à transformação de condições de exclusão social, tem como compromisso os sujeitos em sua realidade e a desnaturalização das problemáticas sociais (LANE, 2004). Nesta perspectiva, realizar uma atuação em psicologia social implica numa reflexão sobre o contexto em que os sujeitos estão inseridos, bem como auxilia na construção de uma ação transformadora da realidade histórico-social e amenizar as situações de exclusão social.

Para Sawaia (2004, p. 9)

[...] a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva [...].

Assim, a exclusão e a inclusão formam um par indissociável, em um processo de manutenção da ordem social.

A exclusão e a inclusão podem ser encaradas como processos psicossociais da sociedade, que devem ser problematizados pelos profissionais, pelos oprimidos, a sociedade civil e o Estado. Geralmente, os jovens formam um desses grupos excluídos, por causa da pobreza, drogas... Podem ser considerados “marginalizados” e vulneráveis socialmente, propiciando situações de isolamento e anomia, além de afastamento da comunidade e dos grupos.

Assim, indagamo-nos, como esta situação pode gerar o distanciamento de alguns jovens em relação a sua comunidade? Como é possível o processo de reinserção com a comunidade?

Os jovens são ‘vítimas’, por que estão na idade de maior inquietação e demanda por experiências novas e diferentes. Quando não encontram na escola, na família, ou nos bairros respostas às suas inquietações, vão procurá-las nas ruas, espaço desestruturado e aventureiro, com possibilidade de ganho ou diversão, porém cheio de perigos (MELLO, 2004, p. 135-136).

Geralmente, percebemos que alguns jovens se encontram em situação de vulnerabilidade social, propiciando assim o afastamento e o não engajamento pelas problemáticas de sua realidade. É essencial a participação destes jovens nas atividades comunitárias e o reconhecimento do seu potencial e suas dificuldades, promovendo a sua ressocialização e reinserção através de políticas públicas com a juventude. A comunidade, para Góis (2008, p. 85),

uma instância da sociedade ou da vida de um povo ou nação que a reflete com uma dinâmica própria; é o lugar de moradia, de permanência estável e duradoura, de crescimento, de orientação e de proteção da individualidade ante a natureza e a sociedade; como a sociedade que a circunda e influencia, apresenta um processo sociopsicológico próprio, cheio de contradições, antagonismos e interesses comuns, que servem de construção e orientação das ações dos moradores em relação ao próprio lugar e à sua inserção no conjunto da sociedade.

Neste sentido, um Programa Federal que trabalha com estratégias de inclusão de jovens no mercado de trabalho e de reinserção com a comuni-

dade é o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano). Estes jovens não concluíram o ensino fundamental e foram excluídos da rede de ensino regular, por diversos fatores, como, por exemplo, indisciplina, gravidez, violência, uso abusivo de substâncias psicoativas. Este Programa visa à qualificação profissional, à ação comunitária, o ensino e à aprendizagem (SOUSA; CARVALHO, 2008).

A escolha do Programa relaciona-se com a oportunidade que os jovens têm de desenvolverem-se como cidadãos e serem construtores da sua comunidade. Podemos sintetizar nossas reflexões sob a forma de questionamento: Como pode se configurar como uma estratégia de reinserção comunitária? Para isto acreditamos que é necessário compreendê-la a partir dos relatos dos seus alunos sobre as metodologias participativas.

Com base nestas metodologias, ressaltamos a atuação do psicólogo comunitário e ambiental, que a partir dos seus conhecimentos e de sua prática pode promover e construir uma prática contextualizada.

Uma das metodologias na Psicologia Ambiental seriam as trilhas urbanas, que são visitas a lugares com ajuda de um instrutor que sensibiliza o grupo sobre temáticas relevantes: coleta seletiva, vinculação afetiva pessoa-ambiente, apropriação do espaço, entre outros. Para Menghini (2005) as trilhas propiciam a sensibilização e a vivência dos participantes na integração entre o homem e o ambiente, e na consciência da problemática ambiental.

Na Psicologia Comunitária, uma destas metodologias é o mapeamento psicossocial participativo que se refere à caminhada e conversas que o psicólogo realiza na comunidade de forma cooperativa e transformadora. Possibilita o reconhecimento da história da comunidade, das atividades, dos significados, dos sentidos e dos sentimentos dos moradores (GÓIS, 2008).

Então, o estudo tem como objetivo compreender a reinserção comunitária de alunos do ProJovem Urbano a partir do mapeamento psicossocial participativo e das trilhas urbanas, com base na Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental.

Construção de políticas de/para/com as Juventudes

Em outubro de 2009, criou-se o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano) que tem como objetivo possibilitar a inclusão dos jovens brasileiros de 18 a 29 anos que, apesar de alfabetizados, não concluíram o ensino fundamental, buscando sua reinserção na escola e a qualificação profissional. Geralmente, estão fora do mercado de trabalho formal e são provenientes de família de baixa renda. Apresentaram repetências, expulsões ou abandono no período escolar em função de fatores, como, gravidez, drogas, violência, exploração, entre outros (BRASIL, 2007).

Os seus alunos recebem uma bolsa mensal no valor de 100 reais com duração de dezoito meses, para os que têm 75% de presença nas disciplinas e a entrega das atividades pedagógicas (MATOS, 2008).

Este Programa foi criado para trabalhar com jovens excluídos da rede de ensino regular, propiciando o processo de socialização e reinserção, havendo assim um caráter emergencial e de reintegração do jovem. Para Silva (2008, p. 37),

O perfil dos estudantes do ProJovem, previsto pelo programa, contempla uma parcela da juventude de Fortaleza, que em sua maioria, mora na periferia da Cidade, um lugar particularmente marcado pela negação dos direitos. Não têm direito: a escola, a trabalho, a saúde, a lazer, a segurança...

a ter direitos. Jovens que não “couberam” na escola, que desde a infância tiveram que enfrentar o desafio de lutar pela sobrevivência; muitos, vivendo em situações de risco social: usuários de drogas ou envolvendo-se em atividades ligadas ao tráfico, em situação de prostituição e outras formas de contravenção ou criminalidade.

Isto demonstra a diversidade e a pluralidade de jovens que o Programa contempla e que estão marcados por formas diferenciadas de exclusão. Segundo Sousa e Carvalho (2008), o ProJovem Urbano tem como objetivo trabalhar com os três problemas centrais, como a exclusão promovida pelo sistema de ensino, a qualificação profissional e a crise da “vida comunitária”.

Para superar esta crise é necessário pensar nos jovens como seres de direitos/deveres e construtores de sua história. Silva (2008, p. 43) complementa que, “somente na relação com a comunidade, temos alguma possibilidade de criar as condições de ser dessa escola como lugar do presente, onde educadores e jovens vivem parte significativa de suas existências”.

É fundamental a ação comunitária, que é coordenada pela assistente social que facilita os processos educativos e a atuação com os jovens. Assim, promove o conhecimento das organizações comunitárias, políticas e culturais (CAMPOS; BRITO; ANDRADE, 2008).

No Programa, a qualificação profissional é essencial, pois ajuda a ingressar no mercado de trabalho, a sentir-se capaz de realizar atividades, ajudar financeiramente a família e de garantir a sua autonomia. Estes jovens não estão incluídos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), necessitando de políticas públicas que promovam o seu ingresso no mercado de trabalho, o direito à educação, à cidadania e à convivência familiar e comunitária.

O ProJovem conseguiu definir uma focalização inteligente, quando se direcionou para uma parcela “vulnerável” da juventude e, ao mesmo tempo, teve um caráter universalizante, democrático e de massas. Outro acerto foi o método como escolheu seu público alvo, sabendo encontrar critérios relevantes para a seleção: jovens de 18 a 29 anos, que tenham passado pela 4ª série, mas não tenham concluído o Ensino Fundamental e estejam formalmente desempregados, ou seja, pessoas recém-saídas da proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que de alguma forma foram excluídas do sistema de educação e não conseguiram entrar ou se estabelecer no mercado de trabalho (SOUSA; CARVALHO, 2008, p. 18).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, baseada no Método Dialógico Vivencial (MDV), criado por Góis (2008). Utiliza o “facilitar-pesquisando”, que envolve facilitação e pesquisa em um processo de construção de conhecimento, interação sócio-ambiental e desenvolvimento dos profissionais e da comunidade. Ao pesquisarmos estamos modificando aquele contexto, assim como nos transformamos na interação.

Definição do Locus e Participantes da Pesquisa

Os participantes estudavam no ProJovem Urbano da escola Papa João XXIII, localiza-se na Regional IV em Fortaleza. Foram 20 alunos de ambos os

sexos, sendo que 10 participaram do mapeamento e 10 das trilhas. Eles tinham entre 18 a 29 anos.

Procedimento: construção de Corpus da pesquisa

A pesquisa desenvolveu-se com a atuação da pesquisadora em duas salas de aula do Programa, na primeira efetuamos o mapeamento e na segunda focamos nas trilhas.

No primeiro grupo, pautado no mapeamento psicossocial participativo, foi realizada a apresentação dos participantes e da comunidade (problematização da realidade), o levantamento de dados (documentos), e a caminhada comunitária. É uma metodologia que promove a inserção e a reinserção com a comunidade. Segundo Góis (2008, p. 25) “andar pela comunidade é muito mais do que simplesmente passar pelos lugares, é olhar para cada ponto, cada lugar, cada morador, cada situação que se apresenta no local de andança, com um olhar sensível e perceptivo”.

No segundo grupo, pautado nas trilhas, efetuamos a apresentação dos participantes, do projeto e das questões ambientais da comunidade, a caminhada comunitária pela escola e a caminhada ambiental pela comunidade. Na Psicologia Ambiental é relevante o estudo sobre a trilha como uma forma de sentir a natureza, de experimentar o ambiente, de vivenciar este meio. É possível resignificarmos o nosso olhar e a forma de perceber este lugar. Para Menghini (2006) possibilitam experienciar o espaço, perceber o que não havia sido percebido e experimentá-lo em sua dinamicidade.

Durante as etapas, utilizamos a observação participante e o círculo de cultura, com o objetivo de compreender o que foi vivenciado pelos participantes da pesquisa, sendo possível o entendimento sobre a relação entre as duas metodologias da Psicologia Social, bem como a percepção sobre o ProJovem Urbano. Os jovens podem relatar o que foi vivenciado, com ênfase nos seus sentimentos, emoções e sensações.

Foi utilizado durante as fases desse estudo o diário de campo, que consiste para Montero (2006) em registros que fazem um elo entre a prática, o que foi vivenciado na comunidade pelo pesquisador, e a teoria.

Análise dos “dados”: Compreensão do Corpus da Pesquisa

A partir dos diários de campo e das transcrições, verificamos as categorias de análise, as unidades de sentido e as significações na fala dos alunos (MOREIRA, 2004).

Desta maneira, construímos unidades de sentido, que estão contidas nas descrições e que são reveladoras da estrutura do fenômeno estudado. Os campos de sentido são conjuntos de unidades de sentido, ou seja, conjunto de transcrições que possuem semelhanças. Então, averiguamos as unidades iguais e aglutinamos em campos. Realizamos anotações sobre o que interpretamos, na tentativa de analisar os eixos temáticos, como podemos esquematizar:

1) Macro Tema: ProJovem Urbano

Tema: Percepção sobre o ProJovem Urbano

Subtemas: Comentários dos alunos do ProJovem Urbano

2) Macro Tema: Metodologias Participativas de Facilitação na Psicologia Comunitária e Ambiental

Temas: A interação pessoa-ambiente e a comunidade pelas trilhas urbanas e pelo mapeamento psicossocial participativo

Subtemas: Comentários dos alunos do ProJovem Urbano

Percepção dos jovens sobre o ProJovem Urbano

Os alunos trouxeram em suas verbalizações elementos que nos ajudam a compreendê-lo. Analisaremos os pontos marcantes citados por estes jovens, como, por exemplo, a bolsa, o preconceito, a vergonha, o respeito, a exclusão, a dificuldade de aprendizagem, entre outros.

Acho que a escola exclui, eu, por exemplo, por que eu engravidei meus amigos todos começaram a falar de mim, eu fiquei impressionada. Não consegui voltar à escola normal, tive que esperar um tempo, fazer com que ele ficasse maiorzinho e procurei o ProJovem, foi o jeito, queria terminar os estudos e fazer alguma coisa (Aluna 2, 20 anos, estudante)

Esta aluna comenta sobre os motivos que a fizeram abandonar a escola regular e procurar o Programa. Faz referência também à escola regular como sendo um lugar excludente, pois deveria ser um lugar de socialização, inclusão, ensino e aprendizagem. Segundo Peixoto (2007, p. 56), os alunos do ProJovem Urbano, [...] “não couberam na escola e desde a sua infância tiveram que enfrentar o desafio de lutar pela sobrevivência”.

Alguns motivos incentivaram os jovens a participar do Programa: elevação do nível educacional, reconhecimento familiar, incentivo da bolsa e qualificação profissional, que traduzem o perfil do aluno: “cada um teve o seu motivo para está aqui, teve seus problemas, as pessoas erram muito mesmo” (aluna 5, 28 anos, dona de casa).

Pires (2007, p. 92) afirma que o ProJovem Urbano “é uma proposta de política pública que pretende a inclusão de jovens pela via da educação como uma proposta salvacionista, ou seja, potencialmente redutora dos problemas sociais”.

Na opinião dos seus alunos, este Programa seria um lugar para estudar e fazer amizades. Porém, há estudantes que conseguem crescer no âmbito profissional, pessoal e comunitário com as oportunidades geradas, mas outros já não estudam, nem prestam atenção e atrapalham os colegas com brigas na sala de aula. Isto se reflete no comentário: “eu acho que isso aqui devia servir para estudar e fazer amizades. Tem gente que não quer, tentam botar para fora” (Aluna 6, 18 anos, estudante).

Neste posicionamento, há uma frase que diverge com os objetivos do Programa, como “tentam botar para fora” os alunos que provocam desentendimentos. Isto nos faz refletir sobre a inclusão social, pois se colocassem o aluno para fora seria uma forma de exclusão, pois ele não se “enquadrou” ao Programa e foi expulso, como na escola regular.

Ressalta-se as estratégias de reinserção para trabalhar como os alunos considerados problemáticos no âmbito escolar, sendo importante conhecer a história de vida, a família, o contexto, a sua percepção da realidade, como forma de promover uma prática direcionada para a sua reinserção social. Iniciando este processo, considerando-o sujeito atuante no âmbito escolar, tendo vez e voz, podendo verbalizar a sua opinião, questionamentos e angústias.

No entanto, percebemos algumas dificuldades para que ocorra realmente a reinserção e ressocialização dos jovens, como é citado pelo aluno, os alunos estão em sala de aula e não prestam atenção ao conteúdo,

não se relacionam com os colegas, realizam outras atividades e promovem confusão. Deste modo, não há uma transformação da realidade e nem um comprometimento com o contexto comunitário. Assim, como o aluno relata: “eu acho que o ProJovem tem muita é confusão” (aluna 2, 20 anos, estudante)

Silva (2008, p. 38) afirma que

estamos diante de ‘juventudes’ que, embora marcados pela diversidade, compartilham semelhante processo de exclusão social, ou numa outra perspectiva, estão igualmente incluídos na sociedade capitalista, na parte que lhe cabe eu deste latifúndio.

Observamos a confusão proveniente da relação entre os alunos, que gera dificuldade de aprendizagem, pois não sabem quando será a próxima briga, propiciando tensão na escola. Portanto, estes jovens criam formas de apaziguar as discussões, gerando assim mal-estar e situações desagradáveis, pois evitam conversar com os colegas, sem contato com os outros por causa do medo, que gera repressão, a violência e a falta de espontaneidade neste contexto. Desta maneira, o jovem comenta: “fico na minha” (aluno 7, 20 anos, estudante).

Na opinião dos alunos, o ProJovem Urbano pode transformar a sua realidade por meio da apreensão dos conhecimentos, remetendo-nos as suas perspectivas futuras. “O ProJovem é uma oportunidade que tenho de seguir uma profissão” (Aluno7, 20 anos, estudante).

Notamos que estes o percebem com uma possibilidade de melhorar a sua vida e construir planos em relação a sua profissão, à família e à comunidade. Ao participar ativamente do Programa, o sujeito pode transformar a sua realidade, o seu contexto familiar e social. Porém, há alunos que não têm consciência desta possibilidade, bem como apresentam dificuldades de aprendizagem. Estas são pautadas na desmotivação e na falta de concentração dos alunos, conforme aponta a aluna: “tem gente que chega aqui e não abre o caderno. Fica passeando pela escola” (Aluna 6, 18 anos, estudante)

Uma das temáticas abordadas é a bolsa, que é um recurso que ajuda financeiramente o retorno à escola, pois podem pagar a passagem, comprar material escolar, ajudar no sustento da casa, contratar alguém para cuidar dos filhos... É uma maneira de fazer parte da família (com responsabilidades e respaldo financeiro), como afirma a jovem: “se não tivesse a bolsa tem gente que não viria para cá” (aluna 15, 18 anos estudante)

Os alunos problematizam a presença de estudantes que só “participam” para receber este dinheiro, como se fosse apenas um benefício, sem demonstrar uma efetiva participação, além de prejudicar o desempenho dos outros colegas de turma.

Aluna 9: Tem gente que devia ganhar esta bolsa era em casa, por que no ProJovem não faz nada, só atrapalha os outros, num estuda, só briga e atrapalha o professor.

Aluna 11: Se for assim, ninguém vinha, né. [...]

Aluno 10: Eu ganho a bolsa, e venho para cá, estudo. E tem gente que não vem e ganha a bolsa do mesmo jeito. [...]

Aluna 8: Eu também acho, ó, o que estou dizendo que tem gente que não deveria vir, que sua presença só atrapalha tudo neste lugar. Se não viesse para cá, seria tudo melhor, até o aprendizado dos outros...

Estes jovens reforçam a opinião de que os alunos que atrapalham não deveriam fazer parte deste meio, assumindo uma postura radical. Poderiam até receber a bolsa, que é do seu interesse, mas não precisariam atrapalhar os outros colegas. É gerado então um assunto polêmico acerca dos alunos desinteressados, sendo um momento rico de discussão sobre a estrutura do Programa. Percebemos a participação dos alunos na sua construção, problematizando as regras para fazer parte do Projovem Urbano.

Sobre a duração, refletimos sobre o imediatismo de alguns jovens para a conclusão do ensino básico, pois quatro anos é o tempo regular para a sua efetuação, e agora há a possibilidade de ocorrer em menos tempo. Anteriormente, o Projovem Urbano tinha apenas um ano de duração, atualmente apresenta um ano e meio, como afirma a estudante: Deve-se levar em consideração o período de cada conteúdo, sem comprometer o assunto trabalhado durante o ensino fundamental. Assim, como afirma a estudante: “eu gosto por que é só um ano e meio, e tem a bolsa. Passa rápido” (aluna 5, 28 anos, dona de casa)

Percebemos que os jovens apresentam admiração e afetividade em relação aos professores, sendo um aspecto relevante para a formação dos alunos, como é presente na seguinte verbalização: Eu gosto muito dos professores, são muito bons, bem dedicados, estudiosos e compreensivos (aluna 9, 23 anos, estudante). Na escola, geralmente, pode-se construir um ambiente de convivência amorosa entre professores e alunos, que facilite o diálogo, as trocas de conhecimento e o processo de aprendizagem.

Em relação aos professores, os alunos do Projovem Urbano ressaltam que são bons profissionais, mas em função de brigas e discussões em sala de aula, estes não conseguem ministrar a aula direito, o que acaba gerando desmotivação dos docentes, como percebemos na afirmação: “tem dia mesmo que o professor não consegue dá aula, acho que desmotiva os próprios professores e os próprios alunos” (aluna 8, 26 anos, estudante).

As metodologias utilizadas pelos professores necessitam, geralmente, ser reformuladas e questionadas na formação docente pautados nos interesses dos jovens, e isso já ocorre na prática segundo os alunos: “sempre trazem alguma novidade como, por exemplo, um filme, um passeio e agora vocês” (aluna 16, 21 anos, estudante).

Segundo Freire (1983), a escola não deve possuir um ensino bancário, em que o professor deposita os conteúdos nos alunos, pois não permitem pensar, criticar, refletir e posicionar-se. É um ensino voltado para a prática libertadora, na qual os alunos possam ser sujeitos no processo de aprendizagem, fazendo com que construam conhecimentos através do diálogo. É o reconhecimento que a postura deve ser curiosa, indagadora e ativa.

Diante disto, as aulas devem ser flexíveis e criativas, com o intuito de garantir a concentração, a participação dos alunos e a sua permanência em sala de aula, pois o aluno comentou que sente dificuldade de concentração durante a aula, por causa de uma rotina diária de trabalho, necessitando de aulas instigantes, criativas e contextualizadas.

A aula é muito chata, às vezes, dá sono, nesta hora do dia depois de fazer tantas coisas, né Deveria ter mais dinâmica e aulas diferentes, bem assim deste jeito que foi esta daqui. E o povo ficar animado, participar e não ter sono como muitos têm [...] (aluna 8, 26 anos, assistente de telemarketing)

A qualificação profissional é um dos focos do Programa, pois geralmente os jovens têm dificuldade de encontrar o primeiro emprego, como os jovens reforçam: “têm jovens que não trabalham, que não têm a oportu-

tunidade do primeiro emprego e de qualificação profissional” (aluno 1, 26 anos, estudante). Então, esta qualificação visa,

[...] proporcionar uma formação inicial aos jovens, despertando sobre as questões atuais do mundo do trabalho e acerca de um arco ocupacional. Na concepção do Programa, os estudos profissionais devem embasar o aluno à decisão e reflexão, não doutriná-lo apenas em conhecimentos processuais, promovendo espaços para discussão e formação, não salas de treinamento (ADRIANO, 2008, p. 96).

Nos círculos de cultura, estes jovens comentam que ficam ociosos durante o dia, sem outras atividades relacionadas ao Projovem Urbano, segundo o estudante: “acho os jovens daqui muitos dispersos. Eles ficam nas praças sem fazer nada” (aluno 1, 26 anos, estudante). É necessária a promoção de atividades formativas (cursos profissionalizantes) e artísticas (teatro, fanzine, grafite, pintura, cordel, quadrinhos e música) no outro turno do Programa.

Porém, nos cursos realizados pelo Programa, há desistência, falta de interesse, que dificulta a realização de novas parcerias e a promoção de outras atividades formativas, como é observado pela aluna: “nos cursos que tem, o povo daqui não se dedica, não vai, falta demais, aí desestimula a coordenação e os professores”(aluna 2, 20 anos, estudante)

Neste âmbito, seria essencial o psicólogo para promover a orientação profissional (problematização das profissões), como realizar processos de formação. Isto propicia aos jovens acreditarem no seu potencial intelectual, artístico, profissional e pessoal.

A incursão no campo permitiu observar a ação comunitária, que promove o conhecimento do contexto local e a problematização por parte dos estudantes no meio escolar, além de possibilitar soluções para as dificuldades e o reconhecimento dos potenciais. Sobre esta ação, a aluna relata que: “eu gosto da ação comunitária, esta parte é massa, pois sempre tem uma atividade diferente, e podemos falar mais sobre a nossa comunidade, nossos amigos e família” (aluna 3, 23 anos, vendedora).

É desenvolvida pelo assistente social, porém seria fundamental a participação do psicólogo social com um enfoque interdisciplinar, pois este poderia trabalhar temáticas referentes à: afetividade, aprendizagem, a comunidade, a escola, a família, a violência, dentre outras. De acordo com Campos, Brito e Andrade. (2008, p. 88), esta ação,

tem como diretriz a realização de trabalhos sócio-educativos que possibilitem aos jovens a compreensão e a intervenção crítica na realidade local. Assim, ao longo da implementação da proposta, optou-se por estimular o envolvimento dos jovens na elaboração do seu protagonismo.

Este protagonismo é a maneira de encarar o jovem não como promotor de criminalidade, causador de problemas sociais na comunidade, mas como sujeito, transformador no interior da sociedade. Deve ser visto como agente de mudança e sujeito do seu desenvolvimento e da comunidade em que vive e mora.

Observamos o preconceito em relação às pessoas que estudam no Programa pela comunidade, como afirma o aluno: “É verdade o que o povo fala sobre o Projovem. Tem muito preconceito também. Eu gosto de ser do Projovem e não gosto quando falam somente o lado negativo” (aluno 9, 23 anos, estudante)

Este aluno demonstra a sua apreciação em relação ao Programa e afirma que não gosta quando as pessoas se focam somente nas dificuldades presentes. Nos comentários abaixo, os jovens comentam sobre a realização da trilha, perto do colégio e da praça, demonstrando como se sentiram em relação aos moradores da comunidade, como percebemos nas falas: “olham a gente com cara feia, fazem piadinhas” (aluno 15, 18 anos, estudante) e “eu não gostava da forma que o pessoal olhava para a gente” (aluna 17, 21 anos, dona de casa).

Silva (2008) alerta-nos que a escola deve se preocupar com as questões sociais da comunidade e promover uma relação entre os jovens e as problemáticas vivenciadas. Percebendo como estes sentem em relação à comunidade, o espaço em que vivem, as pessoas que moram neste lugar, promovendo ações coletivas e reflexões críticas.

Notamos a vergonha dos alunos, pois ao realizarmos a trilha e o mapeamento, alguns jovens tiraram a camisa, como se não quisessem ser identificados como alunos do Programa no lugar onde moram, ou na praça que costumam frequentar. O uso da camisa é obrigatório, caso não compareçam com a blusa não têm a presença, se o motivo não for justificado. Sobre o fato, podemos exemplificar com as seguintes verbalizações: “eu tirei a camisa, e tiro mesmo” (aluna 12, 21 anos, estudante) e “[...] eu tirei a blusa do ProJovem assim que sai da escola, vim já preparada com uma bonita por baixo, por que sabia que vamos caminhar mesmo por aqui e não queria que me vissem[...]” (aluna 12, 21 anos, estudante).

Isto nos faz refletir e gera questionamentos: Por que este jovem não gosta de usar a blusa na sua comunidade? Como se sentem pertencendo a este Programa? Quais as consequências de vestir a blusa e caminhar pela comunidade?

Existem alunos que valorizam o Programa e criticam a postura dos colegas, como a estudante: “eu não me sinto mal de usar a sua camisa, eu vejo gente que chega sem a blusa” (aluna 17, 21 anos, dona de casa).

Os alunos gostaram dos encontros realizados na pesquisa, o que mostra a necessidade de verbalização sobre suas dúvidas, anseios, avanços no seu cotidiano escolar, profissional e comunitário. Os relatos demonstram a importância de ter um espaço para trabalhar as questões referentes ao Programa, à comunidade, à família, aos colegas, a si mesmo e às outras demandas dos jovens.

Sobre a participação no grupo, os alunos comentam que:

foi muito bom falar do que acontece com a gente no ProJovem no dia a dia e também foi bom conhecer mais pessoas daqui. Na sala de aula não temos espaço para falar sobre este assunto” (aluna 6, 18 anos, estudante) e “passei a gostar mais do ProJovem e a conhecer mais a realidade daqui, conhecer mais a escola e sentir como um membro dela [...]. (aluno 15, 18 anos, estudante).

Desta forma, percebemos a identificação e a realização de atividades contextualizadas com os jovens, que são considerados problemáticos e estão excluídos da sociedade, sem que seja necessária a sua expulsão, mas a possibilidade de trazer realmente este aluno para o contexto escolar de forma crítica, compreensiva e criativa.

Este é um dos desafios do Programa, promover esta reinserção dos jovens em relação à comunidade em que moram, torná-los reconhecidos, promover o desenvolvimento dos seus potenciais e a qualificação para o mercado de trabalho.

Portanto, há “necessidade de ultrapassar os limites dos muros da escola, integrando-se a vida pulsante da comunidade, rompendo com uma concepção que se foi formando ao longo da história, de uma escola apartada da vida” (Silva, 2008, p. 43).

De acordo com a estudante, “eu não gostava da forma que o pessoal olhava para a gente” (aluna 17, 21 anos, dona de casa). Há uma consciência de alguns jovens sobre a responsabilidade na sua construção e na participação deste Programa, que ganham uma bolsa, há preparação profissional, um compromisso com a comunidade, o acesso a conhecimentos teóricos e práticos. Alguns têm vergonha e se sentem alvo de preconceito da comunidade por integrá-lo.

O Projovem Urbano tem uma função social, política e comunitária, além de compromisso com os seus alunos e educadores. Precisa ser repensado, reformulado e reestruturado, com as necessidades e demandas da escola em que está inserido, porém temos que reconhecer que já ocorreram grandes avanços na sua estrutura.

Mapeamento Psicossocial Participativo e as Trilhas Urbanas: Um diálogo entre a Psicologia Comunitária e a Psicologia Ambiental.

O mapeamento psicossocial participativo, na Psicologia Comunitária, é um instrumento que favorece a inserção do profissional na dinâmica da comunidade na qual serão desenvolvidas suas ações. Já a trilha urbana, na Psicologia Ambiental, tem como foco a sensibilização do homem sobre o contexto ambiental, as problemáticas vivenciadas, a sustentabilidade, entre outras temáticas.

O mapeamento psicossocial participativo representaria as conversas informais com os moradores, conhecimento dos equipamentos sociais e espaços de organização popular, que propiciam a vivência da comunidade por parte do psicólogo e dos moradores. Possibilita apreender a história da comunidade, o modo de vida, a construção dos vínculos afetivos, o conhecimento das atividades comunitárias, a identificação dos problemas da comunidade, a convivência entre os moradores e o reconhecimento dos seus potenciais.

Na Psicologia Comunitária, para Góis (2008), é relevante o conhecimento da realidade comunitária para a atuação do psicólogo pautado no tripé teoria, prática e compromisso social. Assim, o mapeamento é ponto de partida dos processos de conhecimento, inserção, reinserção, vivência e facilitação. Reflete a convivência entre os moradores e o psicólogo, é uma possibilidade de explorar o cotidiano e sua dinâmica.

Por sua vez, a trilha urbana retrata a possibilidade de contemplação e a vivência da natureza, produção de novos sentidos e significados, novas sensações e percepções, a afetividade, a identificação, o apego e outras temáticas. Inferimos que, ao vivenciar o ambiente, este nos afeta de diversas maneiras e, após a realização da trilha, os participantes refletem sobre o que foi vivenciado, promovendo novas perspectivas de atuação do psicólogo.

A Psicologia Ambiental, segundo Moser (1998), afirma que o ser humano constrói seu entorno sócio-físico de forma dialética. Os sujeitos transformam o ambiente, que o modificam na interação entre ambos, com ênfase nos aspectos sensoriais, cognitivos, afetivos e perceptivos.

Tanto as trilhas como o mapeamento são metodologias participativas, em que tanto o psicólogo quanto a comunidade são ativos na construção e

compartilham os conhecimentos adquiridos durante a sua realização e no momento de reflexão. Enfatizamos a apreensão da dinâmica da comunidade pelo facilitador/pesquisador através da sua relação com o morador, que, por sua vez, pode elaborar uma nova compreensão sobre a realidade local.

Em relação ao tempo, as trilhas podem ser realizadas de forma pontual, sem necessitar de muitos encontros, porém a maior frequência do instrumento promove reflexões e mudanças de comportamentos dos participantes. Enquanto que o mapeamento necessita de um período de atuação maior, que pode durar de 4 a 6 meses (de acordo com a necessidade).

Ao serem desenvolvidas a pé, enfatiza-se o seu caráter dinâmico, processual e ativo, perpassa uma construção coletiva, pois a cada passo, promove novas perspectivas sobre o mesmo objeto. Porém, de acordo com o objetivo podem ser realizadas com o uso de um meio de transporte como bicicletas, carros, entre outros.

As duas metodologias permitem trabalhar temáticas relevantes para os jovens, como a relação com a comunidade, o preconceito, a afetividade, o ambiente, as condições profissionais e outros assuntos. Na pesquisa, foi um bom recurso para a percepção do ProJovem Urbano, as dificuldades encontradas e as possibilidades de atuação com ênfase na reinserção comunitária.

Considerações Finais

A realização da pesquisa representou um enriquecimento teórico e prático, pois além de articulações com os conhecimentos e as experiências adquiridas na formação em psicologia, pudemos aprender com a interação com os jovens e com o contexto comunitário, além do exercício da pesquisa, da leitura, da escrita, construção da metodologia, as orientações e a construção da dissertação.

A percepção dos jovens da Escola Papa João XXIII sobre o ProJovem Urbano reflete os seguintes aspectos positivos e negativos, como a relação professor-aluno, a formação dos professores, o foco na qualificação profissional e na ação comunitária, as perspectivas futuras, desestímulo dos jovens, a confusão e o desentendimento, o preconceito e a vergonha. Observamos a ênfase neste viés negativo, pois alguns jovens ainda não percebiam a possibilidade de mudança presente no Programa. Ressaltamos que este trabalho retratou a percepção dos alunos desta escola específica, este foi apenas um recorte da realidade e do Programa.

Por outro âmbito, percebemos a relação entre o mapeamento psicossocial participativo e as trilhas urbanas com as bases da Psicologia Comunitária e Psicologia Ambiental nos grupos investigados. As duas metodologias facilitam a discussão de temáticas relevantes para o contexto em que os jovens estão inseridos, neste estudo, estas propiciaram a percepção do ProJovem Urbano por seus alunos. É uma forma de diálogo e de problematização da realidade, por meio do conhecimento e da sensibilização em relação ao lugar. Neste sentido, podem propiciar a reinserção e ressocialização dos jovens com a sua comunidade.

Notadamente, percebemos uma grande interação dos alunos com a utilização dessa metodologia, pois as discussões foram enriquecidas com as suas experiências. Promove o contato com a comunidade, novas reflexões e possibilidades de atuação com estes jovens.

Este um diálogo entre as metodologias de facilitação a psicologia comunitária e a psicologia ambiental, configurou-se como uma tentativa de aprofundar a práxis da psicologia social e dos seus fazeres, possibilitando assim aproximações e distinções entre estes saberes.

Indicamos a necessidade do trabalho do psicólogo social no ProJovem Urbano, com o foco na qualidade de vida, na reinserção com a comunidade, o cuidado ambiental, na formação, na qualificação profissional, na relação professor-aluno, entre outros temas.

À guisa de conclusões, ressaltamos a vinculação dos jovens a sua comunidade, a promoção de atividades que permitam a sua socialização, sendo necessário a participação destes no ProJovem Urbano. Além disto, percebemos os potenciais no contexto do Programa e a problematização de um campo de atuação do psicólogo.

Sobre o artigo

Recebido: 18/03/2015

Aceite: 28/04/2015

Referências bibliográficas

ADRIANO, C. N. Qualificação Profissional no ProJovem: a Experiência de Fortaleza. In: MATOS, K. S. L.; SILVA, P. R. S. (Org.). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 96-104.

BRASIL. **ProJovem Urbano**. Fortaleza. 2007. Disponível em: <www.projovemurbano.gov.br>. Acesso em 10 de janeiro de 2010 de dezembro de 2008.

CAMPOS, I. O.; BRITO, D. C.; ANDRADE, A. P. (2008). A Experiência da Ação Comunitária do ProJovem em Fortaleza. In: MATOS, K. S. L.; SILVA, P. R. S. (Org.). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 83-95.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GÓIS, C.W.L. **Saúde comunitária: Pensar e Fazer**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

LANE, S. T. M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.) **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10-19.

MATOS, K. S. L. A Formação Docente do ProJovem em Fortaleza: Aprendizados, Vivências e Esperanças. In: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Org.). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 23-35.

MELLO, S. L. de. A Violência Urbana e a Exclusão dos Jovens. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **Artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 129-139.

MENGHINI, F. B. **As Trilhas Interpretativas como Recurso Pedagógico: Caminhos Traçados para a Educação Ambiental**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), 2005.

MONTERO, M. **Hacer para Transformar: el método en la psicología comunitária**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Thomsom Pioneira, 2004.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Estud. Psicol.**, Natal, 3(1), 1998, p. 121-130. Disponível: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x1998000100008&lng=&nrm=iso>. Acesso em 21 de outubro de 2008.

PEIXOTO, C. M. M. **Análise de Planejamento de aulas de leitura do matéria didático do ProJovem**. 2007, 171 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PIRES, M. G. L. **A educação dos trabalhadores na sociabilidade do capital: Estudo a partir do ProJovem Fortaleza**. 2007, 163 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SAWAIA, B.B. **Artimanhas da Exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, P. R. S. O Projeto Pedagógico do ProJovem e os desafios da integração: a arte de equilibrar-se entre o proposto e o imprevisível. In: MATOS, K. S. L.; SILVA, P. R. de S. (Org.). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 36-54.

SOUSA, A. T. N.; CARVALHO, C. E. T. O ProJovem e a Política Nacional da Juventude. In: MATOS, K. S. L. de; SILVA, P. R. de S. (Org.). **Juventudes e Formação de Professores: O ProJovem em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 15-23.